

# **SALAS INCLUSIVAS: UMA ANÁLISE COMPEENSIVA DA PRÁTICA DE PROFESSORES A PARTIR DA PERSPECTIVA DO INÉDITO VIÁVEL DE PAULO FREIRE**

Janaina Lúcia Rodrigues<sup>1</sup> UFMT

Admilson Mario de Assunção<sup>2</sup> UFMT

## **Resumo**

Este artigo integra parte de uma pesquisa qualitativa de questões educacionais de cunho dialético fenomenológico, a opção por este tipo de investigação é justificada pelas possibilidades que essa abordagem possibilita para compreensão do fenômeno, das relações que este estabelece com o mundo e com o outro; e que está sendo desenvolvida junto ao GPMSE (Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação), do Instituto de Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e apresenta uma reflexão sobre a prática de educadores em salas inclusivas em um modelo de educação que permita o educando a autonomia através da perspectiva do Inédito Viável de Paulo Freire. Para leitura teórica foi utilizada o referencial teórico de Paulo Freire (1996) e suas contribuições a prática educativa que conduza o educando a autonomia através da perspectiva do inédito viável como uma esperança de efetivação do sonho possível da inclusão escolar, bem como com autores de estimável valor para temática como: Foucault (2007), Rogers (1985). Enfatiza-se a importância de se pensar em práticas educativas que proporcione mudanças significativas no modelo de educação atual. Os estudos apontam que quando o educador tem uma relação autêntica com o educando, pautada na ética e no respeito, valorizando as diferenças individuais (físicas, socioculturais e econômicas) e as diversas experiências que cada educando traz por meio de sua realidade e estimula este aluno à curiosidade crítica isso conduz o educando a autonomia no seu processo de construção do conhecimento, e gera mudanças significativas no contexto social contribui para inclusão escolar e possibilita que a escola deixe de ser um meio de reprodução dos ideais do Estado e passa um espaço de inclusão e do discurso-ação.

**Palavras-Chave:** Educação Inclusiva; Autonomia; Inédito Viável.

## **Abstract**

This paper incorporates part of a qualitative research on educational issues of dialectical phenomenological nature, the choice for this type of research is justified by the possibilities that this approach allows for understanding the phenomenon, the relationship that he establishes with the world and with others, and that is being developed with the GPMSE (Group for Research in Social Movements and Education), Institute of Education, Federal University of Mato Grosso (UFMT) and

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestranda do GPMSE- Grupo de pesquisa de Movimentos Sociais Política da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT - E-mail: [janainapsicologia@hotmail.com](mailto:janainapsicologia@hotmail.com)- (65) 8414-7162

<sup>2</sup> Professor de Filosofia da Rede Pública Estadual de Mato Grosso. Mestrando do GPMSE- Grupo de pesquisa de Movimentos Sociais Política da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT [admlogos@hotmail.com](mailto:admlogos@hotmail.com)

features a reflective practice of educators in inclusive classrooms in a model of education that allows learners to autonomy from the perspective of new and viable Paulo Freire. Reading theory was used the theoretical framework of Paulo Freire (1996) and his contributions to educational practice that leads the learner autonomy through the perspective of the novel as a viable hope of realization of the dream possible inclusion of school as well as with authors of estimable value for thematic as Foucault (2007), Rogers (1985). We emphasize the importance of thinking in educational practices to provide significant changes in the current model of education. Studies indicate that when the educator has an authentic relationship with the student, based on ethics and respect, valuing individual differences (physical, sociocultural and economic) and the different experiences that each student brings through its reality and encourages this student critical to the curiosity that leads the learner autonomy in the process of knowledge construction, and generate significant changes in the social context contributes to educational inclusion and allows the school ceases to be a means of reproducing the ideal state and is an area of inclusion and speech-action.

**Keywords:** Inclusive Education, Autonomy; Unpublished Viable.

## INTRODUÇÃO

Quando se refere a um modelo de educação que conduza o educando a autonomia, Paulo Freire apresenta uma proposta fundada na ética e no respeito à dignidade e a própria autonomia do educando. Esse modelo de educação compreende que a relação entre educador e educando precisa ser autêntica estimulando à curiosidade crítica do educando e valorizando as diversas experiências que este traz por meio de sua realidade.

O interesse por discutir teoricamente a prática de educadores em salas inclusivas surgiu ainda na graduação quando entramos em contato com as informações da Conferência Internacional na Espanha que culminou na Declaração de Salamanca (1994), que trata de um conjunto de princípios de políticas e práticas das necessidades educativas especiais, visando à integração daqueles que possuem necessidades educativas especiais e o reconhecimento da necessidade de ações para conseguir o processo de inclusão de educação para todos. A partir daí, nasceu em nós uma inquietação enquanto psicóloga e filósofo, que se acentuou com as vivências na rede de ensino público em educação especial, em analisar de forma compreensiva e filosófica como os professores que atuam em salas inclusivas vivenciam essa diversidade em seu cotidiano. (UNESCO, 1994).

Ao nos aproximar do referencial proposto por Paulo Freire, foi possível verificar o quanto seu posicionamento contribui para a compreensão das relações sociais de forma geral, e em especial as estabelecidas entre educador e educando. Para Freire (1987), o conhecimento é um processo que se realiza na relação do homem com o mundo que é entendido como dinâmico em constante transformação, e não pode dar-se de um ato de "doação" que o educador faz ao educando. Nesse

sentido somos conduzidos a pensar em como se estabelece as relações entre professores e alunos em salas inclusivas.

Segundo o autor, Freire (1996), é papel do educador despertar e desenvolver a curiosidade crítica nos educandos. Esta curiosidade, segundo ele, impulsiona a busca por esclarecimentos, que constrói e reconstrói a história. Nesse contexto, o diálogo surge como forma de compreensão do outro midiaticado pelo mundo. Para Freire (1987, p.29) “o educador já não é o que apenas educa, mas o que , enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. Dessa forma somos capazes de intervir na realidade e mudar a história, a política, o mundo. E o processo para essa mudança é justamente a educação enquanto fonte de conhecimento, que permite a pessoa sair da condição de impotência e ser agente modificador da realidade.

Freire (1987) destaca a crença no sonho possível e na utopia que virá desde que os que fazem a sua história assim queiram, e coloca o "inédito-viável" é, pois, em última instância, algo que o sonho utópico sabe que existe, mas que só será conseguido pela práxis libertadora que pode passar pela teoria da ação dialógica. Assim, uma educação inclusiva pode se tornar uma realidade, pois o "inédito-viável" é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um "percebido destacado" pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade.

O princípio da educação integrada segundo o Ministério da Educação na Portaria Ministerial nº555 de 05 de Junho de 2007, que trata da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, prioriza a matrícula de todas as crianças em escolas comuns e lançam o desafio da necessidade destas desenvolverem uma pedagogia centrada na criança, educando com sucesso, inclusive aqueles que sofrem de deficiências graves. Essa interação não só tem como consequência oferecer um ensino de qualidade para todos, mas também considera fundamental a mudança de atitudes na sociedade em relação às deficiências e as demais formas de exclusão, uma vez que o preconceito e a exclusão escolar não incidem somente sobre o deficiente, mas sobre vários seguimentos da população, destacando-se as parcelas mais pobres. Afirma ainda que:

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural e social pedagógica, desencadeado em defesa dos direitos de todos os alunos de estarem juntos aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação a idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2007, p.01)

Fica claro que a inclusão traz mudanças no contexto escolar e essa realidade nos leva a refletir sobre a vivência do educador em relação ao preconceito e a exclusão dentro das salas inclusivas na rede pública de ensino, pois a instrução não pode dar-se alheia à formação moral do educando.

Freire (2001, p.13) afirma “Aprender e ensinar faz parte da existência humana, histórica e Social, como dela fazem parte a criação, a invenção os sentimentos” Rogers (1985), no mesmo sentido que Freire entende que a aprendizagem faz parte da existência humana e deve ser provocadora não se limitando apenas ao aumento de conhecimentos, mas precisa penetrar profundamente em todas as parcelas da existência para ser significativa. Para o Rogers, o papel do educador é de facilitador da aprendizagem significativa, fazendo parte do grupo e não se colocando acima dele, pelo contrário, deve se inserir na relação, fazendo parte dela e facilitando a aprendizagem. Para Rogers essa relação precisa ser vivida de forma autêntica, ou seja, ética e sincera em que o professor vivencie os conhecimentos que são transmitidos.

A visão do homem tanto para Rogers quanto para Freire é de um ser de possibilidades em processo de construção, influenciados por fatores genéticos, sociais, econômico e cultural. O homem, assim, para os teóricos, não é determinado, sendo capaz de construir e reconstruir sua realidade e seu futuro. Essa idéia de homem nos possibilita pensar que entre as questões fundamentais para a reconstrução do processo de inclusão é viabilizar e assumir as diferenças dentro dos espaços educacionais. Entendo que não basta estar junto para haver a inclusão, mas importa a socialização dentro desses espaços para que sejam significativas as aprendizagens. As diferenças fazem parte dos grupos sociais e são determinadas a partir das perspectivas do outro.

É importante ressaltar que a Declaração de Salamanca de 1994 incitou esse olhar sobre a diferença, movimento que é desencadeado a partir do que vem sendo referido como educação inclusiva no mundo. Os tempos, os espaços e as formas de ensinar e aprender passam a ser ressignificados nesse contexto de inclusão social. Isso marca os limites da percepção da consciência, mas ao mesmo tempo afirma a polissemia do olhar humano sobre uma realidade humana também polissêmica. Ao reconhecer a complexidade do fenômeno, afirma a multiplicidade dos sentidos, mas não de forma abstrata e sim concreta, pois se trata do que é vivenciado de forma individual e coletiva nas relações do cotidiano. (REZENDE, 1990)

A busca pela compreensão das relações que se estabelecem entre educador e educando com deficiência, a partir da vivência dos próprios professores é o que se objetiva no desenvolvimento desta pesquisa.

## **1. EDUCAÇÃO E AUTONOMIA NA INCLUSÃO**

Para Freire a autonomia é a possibilidade da pessoa pensar por si mesma, libertando se das ideologias dominantes e reduzindo as dependências da institucionalização ou da dominação e

controle que essa exerce. Para isso acontecer, é necessário que a ética seja vivida na prática diária, nas relações, em que o discurso do educador seja condizente com sua conduta. Afirma ainda: “Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos transformadores a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos”. (1996, p.10)

Essa ética implica ser consciente e responsabilizar-ser pelas ações no mundo, uma vez o homem é um ser de possibilidades, capaz de construir e reconstruir sua realidade e com isso seu futuro. E uma das formas da pessoa se conscientizar é através da curiosidade crítica, que o autor define como sendo uma inquietação indagadora, que impulsiona a busca por esclarecimentos, ressalta ainda que um dos papéis do educador é justamente o de despertar essa curiosidade crítica no educando.

Desta forma, Freire compreende que é o conhecimento, que tira as pessoas da condição de impotência e permite que sejam agentes modificadores na realidade. Essa busca por mudanças implica posicionar-se e fazer escolhas e afirma: “Ninguém pode estar no mundo. Com o mundo de forma neutra”. (1996, p.31)

Assim, é impossível se manter neutro diante da história e da realidade, e ao homem cabe a difícil liberdade de escolher entre ser ou não autêntico consigo mesmo, e fazer suas escolhas de forma ética consciente de sua responsabilidade. Uma vez que até mesmo no ato de não escolher, está se fazendo uma escolha, mesmo que está seja irresponsável e inautêntica. Freire afirma que as pessoas que alegam ser “neutras” em suas ações, ou são ingênuas ou possuem má fé.

Um dos desafios do educador que busca em sua prática conduzir o educando a autonomia deve ser o de provocar os alunos a perceberem de forma crítica que a realidade de injustiça e desigualdade social pode ser mudada. Para que esses possam assumir com ética e responsabilidade suas escolhas.

Nesse processo de construção do conhecimento o educador também aprende com educando, que traz consigo toda sua vivência e conhecimento da sua realidade social, quando o professor compreende essa vivência ele se abre para uma relação autêntica de novas possibilidades de troca de conhecimento. O educando com deficiência física ou mental também traz consigo seu conhecimento e vivência que podem ser compartilhados quando o educador está aberto para escutar e conhecer esse educando e aprender a estimulá-lo com respeito ao tempo e limitações de cada pessoa.

Essa relação é possível quando educador consegue escutar o educando, pois “Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele” (Freire, 1996 p.44). Assim, escutar é se abrir para fala do outro, sendo que o educador que escuta aceita e respeita a diferença e aprende a

transformar o seu discurso em uma fala com o aluno, estando ao seu lado nessa trajetória de busca por conhecimento.

## **2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL**

A busca pela ordem social leva a criação na modernidade do Estado - Nação e as instituições enquanto estruturas de poder e controle social, a escola nesse contexto surge como uma fábrica de “modelar” comportamentos, seguindo o modelo estatal. Assim, pode se dizer que depois de criadas as instituições se autonomizam, e a sociedade passa a ser controlado por sua própria criação (CASTORIADIS, 1985).

Para Foucault (2007) vivemos no estado de controle social, em que o homem se deixa guiar por uma falsa idéia de liberdade, mas vive controlado pela ação das instituições governamentais, que tende a moldar profundamente o homem segundo modelos sociais de comportamento.

Assim, a sociedade capitalista se organiza através do processo de institucionalização da vida social, que é guiado por conjuntos de comportamentos de autocontrole e de conformidades que descreve as ações do indivíduo. A escola institucionalizada nesse contexto esta a serviço de um mecanismo de controle social, que objetiva educar conforme os modelos políticos ideológicos de normalidade e de eficiência e produtividade social. Assim, nessa sociedade que educa para conformação aos seus objetivos, o educando precisa ser moldado tanto no pensar quanto no agir para que seu desejo seja igual ao do Estado que muitas vezes utiliza a escola meio para alcançar seus objetivos de controle social.

O Estado utiliza as instituições sociais e os meios de comunicação de um modo geral para produção e distribuição de suas ideologias e com isso mantêm o controle social e a conservação do poder. A escola neste contexto não surge para democratizar, mas sim para restringir o conhecimento a poucos e nesse contexto às diferenças serão transformadas em desigualdades em forma de discriminação e exclusão.

Esse modelo de educação é criticado por Freire (1996) que compreende que a escola deve ser um espaço de interação e socialização incentivando a curiosidade crítica dos educando e à produção do conhecimento. Para que o aluno consciente de suas escolhas possa reconhecer e assumir o seu papel enquanto sujeito histórico social e responsabilizar-se de forma ética por suas ações e ser agente de mudanças no contexto social, com autonomia, para dialogar e participar de movimentos sociais (político, religioso, popular etc.) para construção de uma sociedade melhor.

Rogers (1985) compreende que o papel do educador no processo aprendizagem deve ser de facilitador, e critica a política da educação convencional, relacionando esse modelo como uma forma de controle e manobra para as tomadas de decisões. Afirma ainda:

É a política da teoria educacional da “jarra e da caneca”, na qual o corpo docente (a jarra) possui o conhecimento intelectual e concreto e faz com que o estudante seja o recipiente passivo (a caneca), de modo que o conhecimento lhe possa ser despejado. (1985, p.193)

Concordo com Rogers e Freire que o processo deve ser de construção do conhecimento, e que o papel do educador nesse processo deve ser de facilitador, em uma relação autêntica de aceitação que permita que quem ensine também aprenda ao ensinar, e que essa vivência conduza o educando a autonomia. Acredito que quando a prática educativa possibilita a autonomia do educando ela contribui para mudanças significativas no contexto social e no papel da escola que deixa de ser uma fábrica de moldar comportamentos para ser um espaço do diálogo, da política e da construção do conhecimento.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O interesse por descrever e analisar de forma compreensiva e filosófica como os professores da rede pública lecionam e vivenciam a diversidade em salas inclusivas, surgiu através da atuação enquanto psicóloga na rede pública de ensino na educação especial, com a experiência de professor de filosofia também da rede pública de ensino e do contato com algumas obras de Paulo Freire, que nos despertaram uma inquietação indagadora de conhecer as dificuldades e os limites fundamentais na vivência dos educadores nas salas inclusivas; assim como suas experiências exitosas vivenciadas nessas práticas pedagógicas, e identificar na percepção desses professores, quais as mudanças e/ou implicações do ensino inclusivo para os alunos portadores de necessidades especiais.

Adotar-se-á a abordagem qualitativa de questões educacionais de cunho dialético fenomenológico para realização desta pesquisa. A opção por este tipo de investigação é justificada pelas possibilidades desse da compreensão do fenômeno, das relações que este estabelece com o mundo e com o outro.

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar compreensivamente as dificuldades e os limites fundamentais na vivência dos educadores nas salas inclusivas. A partir deste objetivo geral, são levantados os seguintes objetivos específicos, a saber, quais as experiências exitosas vivenciadas nas práticas pedagógicas dos professores que trabalham nestas salas; na percepção

desses professores, quais as mudanças e/ou implicações do ensino inclusivo para os alunos portadores de necessidades especiais.

Por ser uma pesquisa de mestrado e considerando o curto período para a realização desta pensamos em uma amostra composta de 20 professores de diferentes escolas que lecionam em salas inclusivas na Rede Pública do Ensino Básico situada em Várzea Grande. Para alcançar os objetivos desta pesquisa serão desenvolvidas as seguintes técnicas de coleta de dados: Entrevistas semi-estruturadas; observação livre e direta das aulas, fotografias e outros instrumentos que possibilitem uma análise mais do objeto estudado.

Acreditamos que estes instrumentos auxiliarão na compreensão das percepções, motivações e significações vivenciais sobre as experiências de docência nas salas de aula inclusivas. As análises também seguirão uma orientação compreensiva, mediante a vivência dos professores que atuam nas salas inclusivas das escolas da rede municipal de Várzea Grande.

A dissertação será desenvolvida em três capítulos; sendo que o Capítulo 1 – Metodologia Qualitativa – buscará descrever a metodologia utilizada e o rigor científica presente na pesquisa qualitativa de cunho dialético fenomenológico, o Capítulo 2 – Abordagem Histórica da Educação Inclusiva e o Capítulo 3 \_ Interpretações das Informações e Considerações Finais.

A utilização do referencial teórico de Paulo Freire é por esse conceber um modelo de educação fundada na ética e no respeito à dignidade e a própria autonomia do educando. Essa proposta de educação compreende que o processo deve ser de construção do conhecimento, em que educador e educando possam compartilhar seus conhecimentos, de forma que os conteúdos e disciplinas possam ser interpretados e adquiram significados e conduzam o educando a autonomia. Para que seja capaz de reconhecer o seu papel e saber que é possível intervir na realidade e mudar a história, a política, o mundo.

E o processo para essa mudança passa pela educação enquanto fonte de produção de conhecimento, que pode possibilitar a pessoa sair da condição de impotência e ser agente modificador da realidade, construindo uma sociedade mais justa e igualitária. E a atuação do educador é muito importante e pode possibilitar essa transformação, quando esse consegue estabelecer uma relação autêntica com o educando, de aceitação e respeito as diferenças sejam elas físicas, socioculturais ou econômicas e valorizando suas experiências



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. São Paulo: Secretaria de Educação Especial-MEC/SEESP, 2007.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário a prática educativa**. 25º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios**. 5ºed. São Paulo: Cortez, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machad. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

ROGERS, C. **Liberdade de aprender em nossa década**. Trad. José Otavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médica, 1985.

REZENDE, A. M. **Concepção Fenomenológica da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

UNESCO. **Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Disponível em: [portal.mec.gov.br/seesp/pdf/salamanca.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/pdf/salamanca.pdf). Acesso: em 15 de Outubro de 2009.